

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayor e Dr. Custodio Velloso.—DIRECTOR—Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.

7.º ANNO

PREÇO DA ASSIGNATURA

Braga, 12 mezes.	1\$600
» 6 »	850
Correspondencias partic. cada linha	40
Annuncios cada linha.	20
Repetição	10

PUBLICA-SE

ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Provincias, 12 mezes.	2\$000
» 6 »	1\$050
» sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 900

BRAGA

QUINTA-FEIRA 20 DE FEVEREIRO DE 1879

Tem-se ahí publicado recentemente alguns volumes contendo as—*Obras completas do cardeal Saraiva*—mais conhecido pelo nome de fr. Francisco de S. Luiz.

O primeiro volume d'esta collecção, dado á estampa em 1872, traz na frente uma *introdução* escripta pelo marquez de Rezende; e n'esta, a pag. VII, lê-se o seguinte:

«Outra obra, também importante.... e que tem por titulo—*Breves Reflexões sobre o Assento das chamadas Côrtes dos Trez Estados*—(em 1828) ficou, bem que fosse por mim publicada em 1864, até'qui *sem resposta*, d'onde se pôde concluir que a legitimidade da Dynastia reinante em Portugal e da Constituição vigente n'este paiz foram *corroboradas* tanto pelas provas demonstrativas d'aquella verdade, que na citada *Memoria* deu um dos seus mais fortes e mais habéis defensores, como pelo *silencio*, segundo um nosso adagio, *aprobativo da parte contraria*, o qual, em tal caso, teve a magia que de certo não teriam as suas palavras».

Ora o que se afirma no periodo, que acabamos de transcrever, e especialmente nas phrases, que deixamos sublinhadas, não é absolutamente exacto.

Se nenhum escriptor portuguez legitimista se deu ao trabalho de refutar directamente a alludida Memoria de D. fr. Francisco de S. Luiz, nem por isso os *argumentos* n'ella contidos se podem considerar de pé, por quanto elles teem sido por mais de uma vez respondidos e pulverizados pelos defensores da legitimidade do snr. D. Miguel, especialmente pelo jornal a «*Nação*», em cujas columnas—desde o começo da sua publicação—em 1847—por mais de uma vez se ha agitado a questão da *successão*, sendo alli tratada sempre com a maior profi-

ciencia e prespicuidade, de modo que aos defensores da opinião adversa nunca foi dado cantar victoria n'este certamen.

Falsamente se invoca pois o silencio da parte contraria em favor da legitimidade da dynastia e Carta constitucionaes, pois que tal silencio é também uma falsidade.

Nem a Memoria em questão contém argumentos e razões de tal força, que podessem fazer trepidar sequer os legitimistas portuguezes ante a não difficil empreza de os refutar e desfazer, pois que realmente n'aquelle escripto não ha nada de novo sobre a questão, a não ser alguns paralogismos tão diafanos, e mesmo alguns *absurdos* tão palpaveis, que bem pouco ou nada abonam a sciencia e a dialectica do auctor, aliás reputado como homem de vastos conhecimentos em diferentes ramos do saber humano.

Em prova do que deixamos dito bastar-nos-ha citar logo o 1.º artigo das *Reflexões* (no tomo IV, a pag. 137 das *Obras completas*) em que se pretende mostrar—*que sua magestade imperial o snr. D. Pedro não pode ser havido por estrangeiro em Portugal sem o mais intoleravel abuso da significação d'este vocabulo*—Ahi se argumenta miseravelmente com o valor *grammatical* da palavra—*estrangeiro*—postergando-se o seu valor *juridico*, que é o que tem lugar na questão subjeita.

O proprio D. Pedro se encarregou porém de desfazer o futil arrazoado do sesquipedal defensor da sua qualidade de portuguez. No artigo 7.º § 1 da Carta por elle outorgada em 1826, lê-se: «São cidadãos portuguezes—os que *tiverem nascido em Portugal ou seus dominios, e que hoje não forem cidadãos brasileiros*—«E' difficil (diz um escriptor francez) resolver a questão com mais clareza, porque ninguém poderá dizer que no dia em que o imperador do Brazil promulgou a Carta Constitucional, não era o primeiro cidadão d'aquelle imperio; e se

a qualidade de cidadão brasileiro exclue, segundo elle, a qualidade de cidadão portuguez, quem poderá pensar que o monarcha brasileiro fazia excepção, e que não era por elle mesmo que devia começar a exclusão?» Isto é o mais peremptorio possivel.

Ficaremos por aqui, pois que não é nosso intento emprehender uma refutação do opusculo do cardeal Saraiva, por nos parecer isso hoje bem escusado. Quize-mos sómente protestar contra a infundada e inexacta asserção do marquez de Rezende, quando pretendeu abonar a legitimidade da Carta e dynastia hoje reinante em Portugal com o *silencio* do partido contrario. Não houve, não ha, nem hade haver nunca tal silencio *aprobativo* da nossa parte, enquanto nos fôr dado manejar a penna, ou enquanto a *tolerancia* liberal não conseguir amordaçar-nos com alguma nova lei das ro-lhas.

Fiquem certos d'isto todos os Rezendes preteritos, presentes e futuros.

D. M. S.

Lisboa, 15 de fevereiro de 1879.

(Do nosso correspondente).

Eu bem dizia, meu bom amigo, que a nova, que lera no «*Popular*», e depois no «*Diario de Noticias*», com respeito á Senhora de la Salette não merecia, nem tinha os foros senão de mais uma *galga* impia dos impios jornaes liberangas. E o desmentido solemne não tardou. Foi o contrario do que apregoaram os vendedores ambulantes de quanto lixo, e lama ascorosa encontram na imprensa estrangeira para *instrução e edificação* dos leitores incautos, e inexperientes.

Leão XIII, longe de prohibir o culto da referida Imagem, concedia ao templo onde ella tem culto as honras de basilica menor.

Eis o facto, que veio desmentir o em-

buste, e confundir a má fé dos jornaes apostados adversarios dos dogmas, e doutrinas catholicas, e figadaes inimigos do Papado, e da piedade christã.

O conde de Rio Maior, embora fidalgo liberal, deu, ha poucos dias, uma boa sova no governo, quando se discutia o discurso do throno. O Fontes ficou achata-do, e com cara de... de Fontes.

Tem-se fallado aqui de uma reconciliação do Dias Ferreira com o poder, e que na recomposição ministerial entraria o alludido *estadista*.

Não me colheria de supito a realisação do boato, porque na *egreginha* revolucionaria tudo é possivel, menos a produção do util, e do honesto.

A escaseza do trabalho das classes operarias, e a sensível diminuição das vendas nos diversos estabelecimentos industriais, preocupam actualmente muito os animos dos que peçam devidamente os males, que poderão advir ao Estado com as difficuldades dos que apenas vivem do suor do seu rosto, e dos exiguos lucros do commercio a retalho, continuando isto assim.

Mas só ao governo parece não inquietar o que, aliás, sobressalta o espirito publico!

O que seria porém, dos governantes, e do paiz, se a fome das diferentes classes mechanicas, e industriaes se manifestasse resoluta a assoberbal-as!...

E, todavia para lá se caminha, meu caro redactor.

Dizem os sabedores dos impenetraveis segredos da situação que se pensa em dar por coadjutor, e futuro successor do em.^{mo} prelado de Lisboa, o arcebispo de Goa. Não sei até que ponto isto seja verdade: comtudo, hoje é moda a quasi continua mudança de prelados, alguns dos quaes nem chegam a estar nas suas dioceses o tempo necessario de conhecel-as, e por isso não admirará que se realice mais uma.

As camaras permanecem na sua habitual preguiça, com respeito ao muito que, todos dizem, ha a fazer. Mas, os nossos

FOLHETIM

OS LIBERTADORES

1.º

Desde que ha memorias escriptas, são tantas as quadrilhas ou alcateias de libertadores que teem vindo a Portugal, que custa a crer como ainda quasi no fim do seculo XIX não estejamos completamente libertados—isto é—como ainda temos camisa!

Senão é vér.—

Ao norte da Palestina, ou reino de Jerusalem, tão celebre, tanto no Velho como no Novo Testamento, ha uma região, ao longo da costa oriental do Mediterraneo, á qual se dava antigamente o nome de Syria, e hoje se chama Suria, ou Soristan, (paiz dos Syrios) e pertence ao imperio da Turquia asiatica.

A uma circumscripção d'esta Syria (a)

(a) Digo, d'esta Syria, porque a Syria geral, era dividida em cinco provincias—Palestina, Phenicia, Antiochia, Comagena, e Celesyria, e a sua capital (geral) era Antiochia. Tudo isto se acha actualmente dividido em trez governos geraes—Alepo, Tripoli, e Damasco; todos do imperador da Turquia (emquanto lho deixarem.)

se dava o nome de Phenicia, e cuja capital era a formosissima cidade de Tyro, o porto de mar mais importante dos tempos antigos, e da qual apenas hoje restam, um castello, umas vinte casas em redor d'elle, e algumas ruinas, habitadas por vassallos da Porta Ottomana.

Um bello dia, acordaram alguns navegadores phenicios, com a bossa de libertadores, e agora o vereis!...

O seu primeiro objectivo foi o mar Jonico, ou Archipelago Grego.

Depois de terem libertado aquellas ilhas de tudo a quanto poderam deitar o gatazio, foram mettendo os focinhos pela parte occidental do Mediterraneo, e, sem que ninguém lhes encomendasse o sermão, foram libertando o que poderam, por todas aquellas costas.

Mas estes libertadores não traziam gente de desembarque, pelo que, limitavam as suas *libertações*, apenas ás terras do litoral, o que lhes não agradava, porque o seu ardente desejo era libertar tudo por ahí a dentro.

Vieram então em maior numero, e asentaram queijeira em uma península do Golfo de Tunes e a poucas leguas d'onde hoje se vê a cidade d'este nome, e alli fundaram a famosa Carthago, que floresceu por muitos seculos, e que o consul romano, Scipião (o Africano) tomou e arrasou, no anno 608 da fundação

de Roma. Depois, o imperador Adriano, a reedificou, dando-lhe o seu nome—*Adrianopolis*—mas, Genserico, rei dos Wandalos, a tomou e destruiu, no anno 432 de Jesus Christo. Hoje é apenas uma aldeia insignificante, não lhe restando da sua antiga magnificencia, senão a torre da Almenára.

Não está averiguada a data da fundação de Carthago, mas sabe-se que já existia antes da destruição de Troia, que teve logar uns 10 seculos antes da era christan.

Os cartaginezes tinham alargado os seus dominios, não só pelo interior da Africa, como se tinham apossado das ilhas da Sicilia e da Sardenha, tornando-se por muitos annos Carthago a rival de Roma.

Nem podia deixar de ser—os romanos eram também libertadores (e libertadores universaes!) e uns e outros, achavam que todo o mundo ainda era pouco para ser libertado por qualquer d'estes dous povos philanthropicos.

Mas tornemos aos phenicios. Depois de terem libertado as costas do Mediterraneo, lamentavam-se como Alexandre Magno—por não terem mais mundos para libertar.

Elles chegavam por muitas vezes, á extremidade occidental do Mediterraneo, mas—como Massena, em frente das li-

nhas de Lisboa—estacavam á magestosa e imponente perspectiva das temerosas *Columnas d'Hercules* (hoje Estreito de Gibraltar) sobre um altissimo rochedo das quaes estava uma inscripção, com letras de legua e meia, que dizia—NON PLUS ULTRA!—como quem diz—D'AQUI NÃO SE PASSA!—

Acreditavam que d'alli para fóra, não havia mais terra; era tudo mar—e então que mar!—Cada vaga, maior do que os Pyreneus, os Alpes, o Pelion, o Ossa, os Andes, o Chimborazo, e o Hymalaia, todos uns por cima dos outros!

Um dia porém—para nossa felicidade!—a tripulação de uma galé, pôz-se a espreitar por aquelle buraco de trez leguas de largo, e viu que o mar, cá para este lado era manso e pacifico, e tão bem comportado como o Mediterraneo. Entra a encher-se de coragem, e arroja-se pelo Atlantico dentro!

Ainda para nossa ventura, não tomou o rumo da costa occidental da Africa, mas cortou pelo lado de Algeciras, e foi dar com a costa celiberica, que depois veio a formar, o vasto, bello e fertilissimo reino de Andaluzia.

Os libertadores ficaram extasiados á vista de tantas riquezas naturaes!

Já não eram os tristes areaes da Syria, nem as ilhas pobres do mar do Levante, nem as áridas e ressequidas costas da Barberia; era a Peninsula Iberica, com

legisladores passam o tempo em questões de *lana caprina*; em vez de attenderem seriamente á causa publica. Se elles são liberaes!..

A verdade é que estamos no meio da sessão, e ainda não votaram uma lei.

Mas, não desanimemos, não nos deixaremos sem algumas providencias, que venham avolumar, ainda mais, a multidão de medidas oppressivas, que teem sahido do synedrio de S. Bento.

O tempo tem estado pessimo. O Tejo de muito má catadura tem posto em sobresalto os pobres fragateiros, e catraeiros, os quaes, em grande parte, procuraram em terra azylo ás suas embarcações.

Tem continuado as monterias aos vendedores ambulantes da loteria hespanhola, mas os cambistas mais poderosos não desistem, vendem como antes, com todo desassombro, bilhetes, e cautellas a quem os procura, enquanto os desvalidos vão para o governo civil e para o Limoeiro!

Egualdade liberal.

Carlos Bento lançou em rosto ao governo a sua má gerencia financeira; mas o ministro da fazenda respondeu-lhe com uma verdade de todo ponto inconcussa, dizendo-lhe que todos teem concorrido para a precaria situação da fazenda publica, mas todos os governos liberaes. O ministro, á falta de outras razões plausiveis, lembrou as despesas com os caminhos de ferro, e das estradas etc., mas o paiz perguntou-lhe: compensam esses melhoramentos collossaes sacrificios nacionaes, ou teem dado um resultado negativo? Poderão alguns ter lucrado muito com a viação accelerada; mas o facto é que, em geral, o povo luta com a enormissima carestia dos generos de primeira necessidade, e que nas localidades, onde a vida era barata, agora, depois da aproximação, pela rapida condução das diversas substancias alimenticias, tudo quanto exigia o alimento publico, custa mais caro.

E não é preciso sair da capital para se sentir a exactidão do asserto, em relação a alguns generos, por exemplo o peixe, agora vendido por um preço exorbitante.

Decididamente, a escola liberal não tem produzido senão charlatães em tudo quanto diz respeito ao ramo financeiro. A economia, e o calculo são vocabulos que se não acham no dicionario dos liberaes.

Por isso o thesouro vive mendigando, e lazarando, e o pove esfolado pelo fisco, embora os parasitas, e os nepotes vão fallando bem da festa, porque lhes vae n'ella.

Mas, as sanguessugas, meu rico amigo redactor, não são o povo portuguez. E' intoleravel que algumas centenas de portuguezes degenerados, estejam sugando a substancia publica, se encham, locupletem, e que a onda da miseria nacional suba, suba, e ameace sumir o paiz no abysmo da ultima pobreza.

Urge, pois, que a imprensa portugueza dos quatro costados, faça, pelo

menos, tão vasta, e tão energica propaganda, com a do jornalismo deleterio, que se diz liberal.

Desenrole-se o sudario das torpezas, das illusões, dos desatinos, das ineptias, das violencias, das miserias, e fraudulencias revolucionarias; diga-se á nação o modo insólito como os governos liberaes teem dirigido a cousa publica; levante-se de todo o veu, que ainda esconde uma parte dos abusos commettidos á sombra da mentida liberdade do Mindello; mostre-se ao povo o cancer da immoralidade, que gralha no paiz, a tenacidade, com que o liberalismo hostiliza a religião; o pezo dos impostos, que esmaga o povo, as prodigalidades dos dinheiros nacionaes, de que tem surgido a divida, já insolúvel, da nação.

Confronte-se a economia do governo legitimista com os esbanjamentos da liberdade, a honestidade dos ministros realistas com os improvisos cabedões dos administradores da fazenda publica n'estes ultimos quarenta e quatro annos.

A missão da imprensa catholica e legitimista é a de destruir todos os attrictos, que obstem á regeneração do paiz.

Saiba ella cumpril-a, e terá prestado um grande serviço á nação.

Deus fará o resto.

Os zulus deram aos nossos fleis aliados uma boa estafa. Quem com ferro mata, com ferro morre.

O melhor é dizer o «Times» que os vencedores da invencivel Inglaterra eram armados com espingardas fornecidas pelas autoridades portuguezas! Se assim é, tem a Grã-Bretanha uma boa prova da gratidão, com que os liberaes lhe pagam os serviços, que ella prestou á dynastia, e ao systema que felizmente nos rege.

Em todo caso, «quem vae á guerra, dá, e leva», e a Inglaterra leva, para o seu tabaco, a despeito de todo seu poder, e proverbial altiveza.

Deus não dorme, meu amigo, e é porque não descoroção o.

Vosso humilde correspondente

A.

CHRONICA ESTRANGEIRA

Como a de todos os paizes, a imprensa liberal italiana é unanime em louvar a esplendida Encyclica do N. SS. Padre Leão XIII *Quod Apostolici*. A acolhida que universalmente teve esse estopendo documento, deve ser gratissima para os catholicos, porque n'ella se traduz uma homenagem irresistivelmente prestada á grandeza do Pontificado Romano n'esta epoca em que os inimigos de Deus se esforçam titanicamente na destruição do Papado.

—Sob o imperio da *liberdade*, a Italia *una* vive uma vida excepcionalmente feliz. Os jornaes veem diaramente cheios com narrações dos crimes mais horripilantes, que se multiplicam alli com celebridade verdadeiramente vertiginosa.

mesmo tempo, quando a cousa era séria, não eram para graças.

Além d'isso, tinham-lhes chegado aos ouvidos uns certos zuns-zuns, das habilitades que os libertadores tinham praticado nas costas hespanholas, e já estavam com a pedra no sapato.

Os libertadores eram muito finos—como todos os libertadores antigos e modernos—e logo conheceram que os seus libertados não era gentinha com quem se brincasse; e porisso, levavam as cousas pelos meios da seducção, e com as palavrinhas mais doces do seu vocabulario. (Tenho experimentado que os libertadores de todos os tempos, sabem cantar umas cantiguinhas muito bonitas, enquanto não se apanham em paiz conquistado: depois... a cousa muda de figura completamente.)

Ora pois, os phenicios entraram com pés de lã, e fazendo os maiores carinhos e elogios aos lusitanos, que, na completa ignorancia do que significava a palavra LIBERTADOR, se deixaram seduzir da melhor boa-vontade.

Os ferros dos nossos arados, dos nossos venabulos, das nossas lanças; as nossas enchadas, os nossos machados—finalmente, todos os nossos instrumentos agricolas, de guerra, ou de cozinha, eram de ouro ou prata.

Isto causou uma grande piedade aos libertadores, que, compadecidos do nosso

A sua relação deve fazer as delicias dos libusteiros que promoveram e promovem aquelle esphacellamento d'um povo que era bem digno de melhor sorte.

—Em Roma estão actualmente varios bispos francezes, portadores d'importantes donativos para o Dinheiro da S. Pedro. O venerando prelado de Mans entregou para este fim oitenta mil francos.

No dia 7 celebraram-se alli exequias solemnissimas, na capella Sixtina, para suffragar a alma do finado Pontifice Pio IX, de santa memoria. Assistiu S. Santidade Leão XIII, que deu a benção ao feretro, os cardeaes, a corte pontificia e os embaixadores junto da Santa Sé.

—Na Allemanha o socialismo continúa a ostentar-se folgadoamente viavel, mau grado as medidas repressivas de Bismark.

Na eleição de deputado por Breslan apresentou como candidato o sr. Krecker, socialista confesso, que obteve uma grande votação. O sr. Krecker foi mettido em prisão.

—A parte official de lord Chelmsford, governador do Cabo, respeitante á derrota dos inglezes pelos zulus, é assim concebida:

«Sinto deveras ser obrigado a participar-vos um combate desastroso que se effectuou no dia 22 de janeiro, entre os zulus e uma parte da columna n.º 3, deixada de guarda ao terreno, cerca de 10 milhas além da levada de Borke.

Os zulus, descendo em numero consideravel, destruíram apesar da nossa heroica resistencia, a nossa valente columna composta de 5 companhias do 1.º batalhão do 24.º, d'uma companhia do 2.º batalhão do mesmo regimento, de duas baterias e de 2 obuzes, de 104 homens de cavallaria e de perto de 800 indigenas.

O acampamento, que continha as provisões do resto da columna n.º 3, foi tomado e muito poucos dos que o defendiam poderam fugir.

As nossas perdas podem com certeza avaliar-se em 300 officiaes superiores, e 500 segundos officiaes ou soldados do exercito imperial, além de 70 segundos officiaes ou soldados das tropas colonias.

O resto da columna do coronel Glyn reoccupou o acampamento na mesma noite, graças á escuridão, depois de se ter demorado todo o dia commigo, a 12 milhas d'alli.

No dia seguinte de manhã chegamos a Borke, cuja guarda avançada luctou durante 12 horas contra tres ou quatro mil zulus.

A defeza empregada por 80 homens do 24.º regimento foi uma das mais energicas.

Assim o leva a crer a morte do logar-tenente Chad e de 370 soldados.

As perdas dos zulus n'este sitio podem calcular-se em 1:000 homens. Do lado do campo onde se deu a batalha, o inimigo perdeu mais de 2:000 combatentes. O coronel Peardon que commandava a primeira columna, foi atacado mas replelli victoriosamente os zulos.

Um telegramma da Agencia-Havas diz

atraxo na fábrica d'estes objectos, disse-ram aos lusitanos—«Vocês são uns pobres diabos, que não sabem o que é bom! Os metaes que empregam para estas cousas, não prestam para nada, porque se desgastam muito depressa. Nós, que somos bons rapazes, vamos dar-lhes isto, feito de um metal muito mais rico e de maior dura, e o vosso ouro e prata, levamol-os, para vender por 10 reis de mel coado, aos ferros velhos da nossa terra.»

E os lusitanos acceitaram a troca, e ficaram com ferro, em vez de ouro ou prata.

Foi facil aos libertadores, saberem que a prata e o ouro, se extrahiam, quasi sem trabalho, de abundantes minas d'aquelles metaes; pelo que, depois de carregarem o seu navio dos taes ferros-velhos, largaram para a Phenicia, com o firme proposito de voltarem munidos dos instrumentos proprios para a lavra de minas, em grande escala.

Mas na sua terra, não poderam encobrir o que lhes tinha acontecido, e isto deu em resultado, virem muitos dos seus patricios, uns atraz dos outros, todos com o louvavel intento de libertarem a Lusitania, do conthendo das suas minas, e de tudo o mais que lhes fizesse arranjo.

Muitos d'elles, até nem quizeram saber mais de Tyro, de Sydonia, nem da Phenicia, e cá se deixaram ficar, fundan-

que as negociações entre a Allemanha e o Vaticano já estão em via de completa resolução.

—Algumas folhas allemães, e nomeadamente a «Gazeta d'Allemanha do Norte», órgão de Bismark, teem mostrado uma pronunciada má vontade contra a república franceza, cujas garantias para a paz internacional e social trazem descriptos todos os espiritos claros.

Vê-se, pois, que não são muito de feição os ventos que agitam a democracia dissolvente, que está cavando a sepultura da França.

N'este paiz o gabinete Walddington continua a guerra aos catholicos, e a tudo quanto é ordem. Nem d'outra sorte conseguiria afirmar mais plausivelmente os beneficios do republicanismo, nem obteria a boa sombra de Gambetta e dos petroleiros de todos os matizes. Expulsando os religiosos e as irmãs de caridade das escolas e dos hospitaes, lançando na miseria o clero parochial, annullando a magistratura, redzindo a administração a um cahos pasmoso, desprestigiando o exercito,—eis como se accentua bem a demagogia que denomina na patria de S. Luiz.

Mas será duradouro este estado de coisas?

Ousamos afirmar que não.

Os proprios republicanos se encarregarão de destruir a república.

GAZETILHA

20 DE FEVEREIRO.

O mundo catholico saúda com o mais sincero regosijo este dia, para sempre memoravel nos annaes do catholicismo!

Porque faz precisamente hoje um anno, que o actual Supremo Pastor da Santa Igreja era eleito por Deus para occupar a Cadeira de Pedro, vaga pelo mais amado dos Pontifices, o immortal Pio IX.

A feroz e altiva impiedade, que deixára entrever um sorriso diabolico, ao desaparecimento do maior vulto do seculo 19, soffrera, n'esse dia, um golpe tremendo, certamente vibrado pela mão omnipotente da Providencia!

Os filhos da Igreja, submersos ainda na saudade mais pungente e afogados no pranto mais sentido pela perda do mais amado dos Paes e do mais glorioso dos Pontifices, trocavam o luto por seus trages de festa e saudavam com unanimes e delirantes aclamações o novo Pastor que o Senhor lhes enviava!

do povoações; estabelecendo *feitorias*; construindo templos; e edificando fortalezas.

A cousa hia-lhes correndo maravilhosamente; mas, como diz o rifão—*não ha bem que sempre dure*—eis o caso—

Aos lusitanos foi-lhes cheirando a esturro, tantas e tão repetidas libertações, e, ajudados pelos celtas e turdetanos, saltaram-me nos libertadores e os escorraçaram de cá, obrigando-os a encurrallarem-se em Cadix, que elles tinham fortificado.

Isto foi o diabo que lhes appareceu!

Vendo-se n'estes apuros, e não podendo acabar de libertar a Lusitania, onde ainda tinham tanto que fazer, foram tẽr-se com os seus parentes, carthaginezes, para lhes acudir.

Eis a primeira INTERVENÇÃO de que houve noticia cá n'estas terras de Christo.

Mas os carthaginezes, como todos os governos interventores, tão bem ajudaram os phenicios, que acabaram por libertar, não só a Lusitania, mas até os proprios phenicios que por cá andavam.

PINHO LEAL.

(Continúa)

o seu brilhante sol; com a sua esplendida vegetação; com o seu suavissimo clima.

Aqui—disseram elles—aqui sim, é que temos muito que libertar, para muitos, e por muito tempo.

E assim foi!..

Os libertadores levaram para a sua terra as permicias das suas libertações, o que causou a admiração dos seus conterraneos, e os incitou a equiparem varios navios, e virem na busca do Eldorado—já se sabe—possuidos do ardente desejo de libertarem os peninsulares do obscurantismo e da escravidão; o que em bom portuguez é o mesmo que dizer—roubar-lhes tudo a quanto podessem deitar as garras aduncas, e pilharem tudo quanto podesse satisfazer a sua ambição insaciavel.

Não lhes digo nada!—Os libertadores succediam se uns aos outros, e em breve, as costas da Celtiberia estavam completamente libertadas.

Não tendo alli mais nada que fazer (por enquanto...) aventuraram-se a navegar para o norte do Guadiana, e foi então que os lusitanos viram pela primeira vez, e tiveram a ventura de gosar a influencia benefica d'estes primeiros libertadores.

Ora, é preciso notar que os lusitanos d'esses tempos, era gente simples, e completamente destituida de malicia; mas ao

Cumpra que não olvidemos um anniversario de tão gratas recordações!

Entremos no templo, e dirijamos, n'este dia, a Deus e á Virgem Immaculada uma prece ardente e fervorosa pelo triumpho da Santa Igreja e pela conservação do seu Supremo Pastor!

Chronica religiosa.—Hoje, 20:—Exposição do Santissimo na igreja do Carmo—1.º anniversario da Eleição de S. Santidade o Papa Leão XIII.

—Sexta-feira, 21:—Começam as 7 sextas-feiras Dolorosas.

Novo bispo.—Foi preconizado bispo de Andagh o doutor Woodlockh, reitor da Universidade Catholica Inglesa, durante vinte annos.

A Crença Religiosa.—Recebemos o n.º 14 d'esta excellente revista hebdomadaria, que sae em Lisboa.

E' digna de toda a cooperação.

O Tosão de ouro.—A'cerca d'esta ordem, a primeira d'Hespanha, encontramos n'um jornal a seguinte noticia:

A ordem do Tosão de ouro foi instituida por Philippe, o bom, duque de Borgonha e de Flandres, sendo o alvará da sua instituição datado de Bruges em 10 de janeiro de 1431. Diz o alvará que a ordem fôra instituida em honra e sob o patrocínio da Virgem Santissima e do apostolo S. Thomé, tendo a instituição por fim o perpetuar a memoria do casamento do soberano instituidor com a infanta D. Izabel de Portugal, filha de D. João I e de D. Filippa de Lancastre, os magnanimos e piedosos fundadores do convento da Batalha, esse admiravel monumento erguido em honra da grande victoria de Aljubarrota. A instituição do Tosão de ouro foi approvada pelos Papas Gregorio XIII em 1574 e Clemente VIII em 1599. A Austria tem tambem a ordem do Tosão de ouro, sendo porém a sua origem a mesma da ordem hespanhola.

A ordem é conferida unicamente a príncipes, grandes de Hespanha e a estrangeiros illustres. Na Hespanha como na Austria o numero dos cavalleiros é limitado por lei.

A côr da fita é escarlate (rouge feu).

A insignia é um carneiro de ouro—*tosão de ouro*—suspenso ao pescoço por uma fita escarlate, larga, ou um collar de ouro guarnecido de pedras preciosas. As divisas são: *Ante ferit quam flamma micat.* (O golpe fere antes que brilhe a chamma)—*Pretium laborem non vile.* (O premio do trabalho não é para ser desprezado).

Segundo todo o rigor dos estatutos, os cavalleiros devem vestir beca de veludo encarnado forrada de tafetá branco, e capa comprida de veludo purpurno, forrada de setim branco, tendo bordadas a ouro, sobre o peito, as insignias. Completa esta vestidura, um bonet de veludo carmesim, bordado a ouro, do qual pende uma fita larga que deve cair pelas costas. Os sapatos e as meias são tambem encarnados.

Esta ordem tem a cerimonia da investidura.

A Moda Illustrada.—Recebemos e agradecemos o n.º 4 da *Moda Illustrada*, de que é proprietario o snr. David Corazzi.

Compete sem desvantagem com as publicações estrangeiras do mesmo genero.

Abjuração.—O snr. Eduardo José Moreira, ex-professor da escola protestante de S. Christovão de Mafamude, abjurou ha dias os seus erros.

No domingo fez baptisar solemnemente, na igreja da referida freguezia tres filhos, que haviam sido anteriormente baptisados na igreja protestante.

Chronica estrangeira.—No empenho de tornar o mais interessante possível o nosso jornal, começamos hoje a dar aos leitores, na secção de *Chronica estrangeira*, uma resenha dos factos mais notaveis que aconteçam no estrangeiro. Publical-a-hemos regularmente duas vezes por semana.

Em razão da muita abundancia de materia, tivemos de encurtar o mais possível aquella secção, que vai n'este n.º.

Theatro.—Na segunda-feira deu a Companhia Dramatica Portuguesa um espectáculo com os *Intrujões*.

Abriu por uma comedia que o cartaz dizia pertencer ao snr. Leite. Agradou-nos, mas pareceu-nos coisa muito nossa conhecida outr'ora, com o titulo de *Um phenomeno*, ou equivalente. Vamos indagar.

Rectificação.—Por falsas informações demos nós, assim como alguns collegas, noticia de que o hospicio dos expostos seria mudado para o edificio onde está installado o tribunal.

Não é verdade.

A repartição das obras publicas é que vai ser mudada para alli, segundo nos affirmam.

Effeitos do temporal.—Dizem d'Aveiro:

Encaminhamos nos, em primeiro lugar, para o local em que a linha ferrea foi rota. Horror!!! O homem mais cynico do universo, não podia, nem pode, ousamos dizel-o, pelos sentimentos que possuímos, encarar os effeitos produzidos pelo elemento aquario, sem exclamar:

—Bemdito seja o poder de Deus, que de nada fez tudo, e tudo pôde, n'um momento, reduzir a nada!

Horror!!!... repetimos.

Além, ao nascente da linha ferrea, a estrada que conduz de Salreu á estação d'Estarreja, quasi proximo da ponte sobre o Antuã, acha-se, em parte, rota do bahlamento para o poente, porque as aguas, galgando-a no ponto mais accessivel, com a sua queda, levaram parte do empedramento, atterro, arlustos, etc., etc. Está comtudo, viavel.

Ao nascente d'esta estrada veem-se grandes monturos de rezíduos, especialmente n'um recanto, grandes cepas d'arbustos, madeira, pinheiros arrancados de varias dimensões, tectos quasi completos e fragmentos d'armações de casas, moegas de moinhos, saccos com farinha, caixas, maceiras e outros objectos indistinguiveis por permanecerem ou boiarem ao largo. Mais adiante, um cadaver d'um pobre homem, proecto, moleiro, que moía n'uns moinhos da Minhoteira, n'uma das marges do Antuã. Conta-se que este pobre homem, que nós conheciamos, havia sido prevenido por um seu familiar para que se retirasse dos moinhos, por isso que em vista da grossa e continuada chuva, desconfiava que as aguas engrossariam a ponto de causar ruínas. O bom do homem, que era doente das pernas, não annuiu á observação, nem com ella se intimidou (talvez por lhe custar sahir d'alli, pela sua molestia e pelo mau tempo que se experimentava), objectando que procuraria descançar onde muitas vezes o tinha feito e onde jámais, durante os muitos annos que tinha, as cheias tinham attingido, nem d'isso havia memoria.

Desgraçado homem! dentro em pouco, casas e elle eram arrastados pela corrente, e se não morreu esmagado, morreu asfixiado, vindo parar a distancia de mais de 3 kilometros!...

Desde a Minhoteira até á quinta da Costa, propriedade do exc.^{mo} conde de Mesquitella, junto a Estarreja, foram arrastadas todas as casas de moinhos pela infrene torrente, em cujo numero se contam umas em que temos parte. E' desolador o quadro! Aquelles que viviam da sua industria n'aquellas mal-fadadas casas, lamentam-se por fôrma tal, que, ao ouvir-os, o menos sensivel, não pôde deixar de ficar profundamente commovido. São, pelo menos, seis as casas arrastadas, com grande numero de rodas de moagem, não contando as da Moura, acima da Minhoteira.

Agora mesmo acabam de informar-nos, que á excepção de duas casas de moinhos dos muitos sobre as margens do rio, em Ul, as demais igualmente foram derribadas e arrastadas com grandes porções d'arroz que ellas continham, porque taes moinhos eram quasi privativamente destinados ao descascamento d'esta graminea. A maior parte dos donos de taes casas, que viviam d'esta industria, e que para alli tinham feito convergir todos os seus haveres, ficaram reduzidos á miseria.

Volvamos agora a vista para a linha ferrea, no ponto em que foi rota, entre a casa da guarda da Ladeira de Salreu e a ponte do Antuã.

E' imponente, horripilante o quadro! Um immenso rombo, que terá de extensão mais ou menos 200 metros, em que desapareceu todo o atterro, que teria a elevação de 4 a 5 metros, conservando ligados e suspensos os carris, meios torcidos, com as travessas ainda adherentes, similhando um immenso esqueleto.

Olhando para o poente, sobre a margem esquerda do rio, depara-se-nos um monte negro, ainda meio submergido, descortinando-se a custo, pela distancia a que é vista, uma especie de grade ligada ao mesmo monte. Pedimos ao capitaz do partido de conservação d'este dis-

tricto, que nos dissesse, se o sabia, o que representava aquelle montão. Respondeu-nos assaz commovido, que era a metade da ponte da linha ferrea, que para aquella distancia, mais de 200 metros, tinha sido arrastada com a respectiva base, do lado do norte, pela corrente d'agua!

—Perto de Silva Escuro, por sobre um riacho que alli corre, havia um pontilhão pequeno. As aguas levavam uma corrente extraordinaria, e ao passar sobre elle cinco pessoas, que vinham de Silva Escuro, abateu precipitando comsigo todos aquelles infelizes.

Morreram os seguintes: Luciana de 30 annos d'idade: um filho seu de 15 mezes; Antonio do Heido, cujo cadaver ainda não appareceu. José Moleiro da Silva conseguiu salvar-se e a uma mulher.

A corrente do Caima levou no mesmo dia 11 pessoas, das quaes apenas appareceram 5 cadaveres, duas mulheres e tres homens.

Ha prejuizos enormes, que nem ainda pôdem referir-se, e cuja descripção é aterradora.

No rio Caima, que se comprehende entre Telhadella e o rio Vouga onde aquelle finda, foram destruidos 8 moinhos pertencentes ao snr. juiz de direito d'Agueda; 6 pertencentes ao snr. Manoel Rodrigues das Frias e socios; a levada da mina de Telhadella destruida; a estrada real junto á ponte do Vouga do lado do norte muito damnificada, levando a cheia parte do macdam, e abrindo fossos. Nos campos d'Alquerubim appareceram varias moegas e um lobo morto.

Em Oliveira, além dos grandes desastres d'Ul, foi destruido o agude da fabrica de lanicijos dos snrs. Costas, e varios moinhos dos snrs. Ribeiro, da Bemposta, e outros. A propria ponte de Silvares, e estrada real proximo a Oliveira d'Azemeis, parece que tambem soffreu por a cheia lhe destruir um ponto d'apio que tinha do lado do mar.

Os prejuizos alli são calculados em mais de 450:000\$000 reis que além dos moinhos que haviam em todos os riachos do concelho, que eram aos centos, foram igualmente destruidas varias propriedades.

Os pobres moleiros ficaram reduzidos á miseria, pois não só perderam os seus haveres, mas as moendas que tinham dos freguezes, calculando-se as mesmas em mais de 4:000 alqueires entre milho e trigo.

O rio Antuã depositou grande porção de traves e outras madeiras e destroços dos moinhos junto á ponte d'Estarreja. A camara parece que mandou guardar esses objectos, evitando assim a pilhagem, que se exercia alli em grande escala.

Na ribeira do Fontão tambem se destruíram alguns moinhos, e escaparam milagrosamente alguns moleiros.

Na ponte de Mayorca foi na corrente uma casa de moinhos e juntamente a mulher do moleiro, tendo se este salvado agarrado a um salgueiro, que ponde alcançar.

—As noticias officiaes de Leiria, e de Coimbra dizem que n'estes ultimos dias tem chovido torrencialmente, causando bastantes prejuizos nas estradas e pontes. Em alguns concelhos de Aveiro os estragos são importantes.

—Dizem da Figueira da Foz que o temporal tem alli causado bastantes prejuizos. Em Laros cahiram quatro casas. O muro de supporte que termina a linha dos caes até ao forte de Santa Catharina, foi alluido pela furia das ondas.

—No dia 13 houve desmoronamento n'uma pedreira dos Olivares. Morreu um homem e outro acha-se em perigo de vida.

Noticias diversas.—Em Chiscova, uma povoação de 700 almas, morreram, victimas da peste negra, 230 pessoas.

—Em Oliveira de Azemeis estando um professor regio de instrucção primaria a dar aula aos seus alumnos, que seriam em numero de 30, abateu o soalho de aula e muitas das creanças foram precipitadas até ao andar terreo. Os alumnos que conseguiram ficar sobre alguns restos do soalho que não abateram, tiveram de sair pela janella por uma escada de mão que lhes lançaram. Houve algumas contusões e um ferimento de maior gravidade.

—Tracta-se agora em Londres d'um casamento singular: o noivo conta 93 annos e a noiva 80!

—Um astrónomo de Colonia, M. Hermann Klein, descobriu á superficie da lua uma cratera recentemente formada. Segundo M. Klein, esta cratera está si-

tuada em uma vasta planicie, nas proximidades do disco lunar, a oeste da outra cratera Clyghins. O seu diametro é approximadamente de 4:000 metros, e excede, portanto, em tamanho a todas as da terra, menos á de Kereanonen, nas ilhas de Sandwich.

M. Neleon, celenographo, inglez, julga poder affirmar que esta cratera não existia em 1877.

—Diz-se que será nomeado coadjutor do snr. cardeal patriarcha, o exc.^{mo} snr. arcebispo de Goa.

—Uma carta do Brazil descreve o seguinte caso horroroso, occorrido na estrada de Botacatú, a uma legua distante da povoação de Sorocaba.—Dois irmãos e outro individuo, todos dados a valentões, sendo dois casados e um solteiro, resolveram fazer uma espera a um rapaz e dar-lhe uma tosa de pau. No dia 28, sabendo elles que o moço fôra á cidade, mandaram fazer um virado e o esperaram na beira da estrada, e quando o moço passava, saíram-lhe ao encontro, cercaram-n'o, deram-lhe uma bordoadada e o lançaram por terra; continuaram a dar-lhe pancadas, até que o moço pôde tirar uma faca e o primeiro que o quiz segurar levou uma facada na região epigastrica, caindo morto. Os outros dois continuaram a dar cacetadas no rapaz, que se desviava quando lhe era possível, até que um dos atacantes, chegando-se a elle, recebeu uma facada no coração, da qual morreu immediatamente. Vendo-se muito ferido, o aggreddido correu pela estrada fôra, porém o terceiro atacante foi atraz d'elle e deu-lhe um tiro de garrucha quasi á queima roupa, com o qual lhe quebrou o braço esquerdo, e como não o tivesse morto, procurou com a propria garrucha quebrar-lhe a cabeça, porém n'esta occasião o moço conseguiu dar-lhe duas facadas, uma na barriga e outra no peito, que lhe atravessou o coração, morrendo o terceiro atacante instantaneamente, seguindo o moço para a sua casa muito ferido na cabeça, com o braço quebrado, esvaindo-se em sangue.

—Estava avaliado em 20:000\$000 reis o punhal roubado ao snr. D. Luiz, consoante noticiamos em o n.º anterior.

—Usa-se na Russia contra o frio dos pés um remedio dos mais simples e pratico:

Consiste em envolver-se o pé, por dentro do calçado, em um pedaço de papel.

Como o ar não penetra, fica-se naturalmente ao abrigo do frio.

—Appareceu em Hespanha uma nova praga para a lavoura. E' uma lagarta que ataca todos os vegetaes pela folha. Tem feito consideraveis estragos.

—Sua Santidade dignou-se nomear secretario dos breves apostolicos o em.^o cardeal Carafa di Trueto, e protector da Academia Theologica romana o em.^o cardeal Fevriere.

—No periodo decorrido entre os dois ultimos recenseamentos geraes da população, o distrito de Castello Branco teve o augmento de 18:024 individuos, havendo sido de 162:182 o apuramento em 31 de dezembro de 1863, e de 181:206 em igual dia de 1877.

—Morreu em Roma o padre Rodriguez, geral da ordem dos Trinitarios hespanhoes, e superior da comunidade da mesma ordem que a Hespanha possui no *Forum Romanum*.

—Uma correspondencia de Cacheu dá noticias circunstanciadas do desastre de Bolor. O governador Vieira resolveu, sem consultar ninguem, auxiliar os felopes de Bolor contra os de Jefunco. A expedição compunha-se do palhaboté Bissau em que ia o snr. Vieira com 60 soldados, e tres embarcações de grande lote e algumas canoas, em que iam os grumetes, os papéis, e os felopes de Bolor. Foram os pretos nossos alliados que, por ordem do governador, a um tiro de peça do palhaboté, romperam o ataque, tomando a povoação de Ozor. Foram em seguida repellidos, e os felopes de Jefunco, vindo em perseguição dos nossos alliados, encontraram a força portugueza, que estava muito descançada, com as armas descarregadas, sem saber nada do que se passava; os nossos soldados fugiram para se refugiarem n'um lanchão do governo, mas os pretos seguiram-n'os e mataram-n'os a quasi todos, retalhando em pedacos o alferes Sousa, que se tinha defendido com grande bravura, matando muitos inimigos. O tenente Calisto, ferido com uma cutelada, lançou-se ao rio com outros soldados para se refugiar no

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1879.